

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO ESPAÇO SOCIAL PARA A MANIFESTAÇÃO DE IDEIAS

AZAMBUJA, Cintia Victória¹; WEBLER, Darlene Arlete²

¹ Pós-Graduanda do Curso de Especialização em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa (PGLING) da FURG; ciciazambuja@hotmail.com;

² Professora e coordenadora do PGLING/FURG; Docente do Instituto de Letras e Artes/FURG; darlenewebler@furg.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca da pesquisa desenvolvida no Curso de Pós-Graduação em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa, intitulada “O ensino de língua portuguesa como espaço social para a manifestação de ideias”. Este estudo foi desenvolvido no Instituto Federal Sul-Riograndense (IF-Sul, Campus Pelotas), com meninos e meninas moradores das Casas Lares da mesma cidade, no período de setembro a dezembro de 2011.

É de interesse central, nesta pesquisa, a análise de narrativas produzidas por tais meninos e meninas e, mais especificamente, a observação dos gestos de identificação deles em relação ao gênero masculino e feminino presentes em diferentes materialidades discursivas – como crônicas, canções, vídeos e charges. O percurso reflexivo-analítico deverá levar à observação de quem são os sujeitos leitores e quais seus gestos de leitura. Nesse sentido, pensa-se sobre o que torna a prática docente significativa a todos os sujeitos envolvidos, em um movimento de articulação de teoria e prática, na abordagem de questões de leitura e interpretação, de produção de textos e discursos.

A pesquisa filia-se à perspectiva da Teoria da Análise do Discurso de linha francesa, a partir de Michel Pêcheux, em que as reflexões estão voltadas especialmente para a *língua*, a *linguagem*, o *sujeito*, a *história* e a *ideologia*. Cabe salientar que essa perspectiva teórica sobre língua e linguagem problematiza as diferentes manifestações de maneira a estabelecer uma relação menos ingênua do homem com a linguagem.

No presente estudo, são mobilizadas, em especial, as noções de *Sujeito*, *Discurso*, *Leitura* e *Interpretação*, à luz das formulações apresentadas pelo fundador da AD, Michel Pêcheux, e pela pioneira estudiosa brasileira, Eni Orlandi.

Segundo Orlandi (2010: 15), a Análise do Discurso (AD) não trata da língua, simplesmente na sua organização gramatical, embora sejam questões que atravessem a materialidade discursiva. A AD trata do discurso, procurando

compreender a língua que significa e ressignifica, movimenta sentidos, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral constitutivo do homem e da sua história.

A língua, nesse domínio de saber, de acordo com Indursky (2010, p. 39), nunca foi pensada de forma fechada sistêmica. Língua nesse enquadramento teórico vem, desde sempre, entrelaçada à exterioridade e é concebida como uma materialidade através da qual o ideológico se manifesta. Por essa razão, “o deslize, a falha e a ambiguidade são constitutivos da língua”. (Pêcheux, 1994, p. 62).

O discurso será a mediação entre o homem e a linguagem com a exterioridade e, através desta relação, é que se torna possível compreender as diferentes manifestações da linguagem do homem no decorrer da história. O discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por / para os sujeitos. Por isso, a AD vai além da análise da língua como um sistema abstrato. Ela trabalha com a língua no mundo, com as relações de sentido produzidas pelos sujeitos que discursivizam e as condições em que se produz o discurso. De acordo com Orlandi (2010, p. 47), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Isso nos conduz a pensar que a construção do sentido e a interpretação do mesmo são indícios da presença da instância ideológica. Esta considerada, conforme Webler (2010, p. 112), em uma “dimensão histórica e materializada pela discursividade e pelas práticas sociais, o que conduz a falar não mais ideologia, mas em ideologias. Em outras palavras, as ideologias não se criam por geração espontânea, mas se dão por práticas sociais e por práticas discursivas”.

A noção de sujeito para a AD, segundo Orlandi (2010, p. 49), é entendida como *sujeito discursivo*, pensado-a como “posição” entre outra. A noção de “posição-sujeito” foi, inicialmente, cunhada por Foucault, a partir da noção de função- vazia como espaço *determinado para alguns*. Foucault (1997) entende que é preciso descrever os *lugares institucionais* de onde o sujeito obtém seu discurso. Para Webler (2010, p.131), podemos pensar o discurso, então, como permeado por relações complexas que são estabelecidas entre instituições, processos econômicos e sociais etc. Nessa medida, seriam relações complexas que caracterizam o discurso enquanto prática discursiva- esta na definição de Foucault (1997: 136), como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”

2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Os procedimentos metodológicos e a constituição do corpus, em Análise do Discurso, não seguem um dispositivo metodológico pré-estabelecido. Este se constitui levando em conta os objetivos de estudo, em uma permanente articulação de teoria e prática, cujo corpus pode ser de caráter experimental e/ou um corpus de arquivo.

No presente estudo, as questões norteadoras, que orientam seu percurso reflexivo e analítico, são: “De que maneira os textos significam para cada aluno? E em que medida podem ser observados os gestos identitários dos alunos com a questão de gêneros (feminino/masculino) nos discursos produzidos por eles?”.

Nesse sentido, após a coleta dos dados, o primeiro passo metodológico utilizado para a análise foi selecionar as narrativas escritas pelos alunos moradores das Casas Lares, frequentadores das oficinas de Língua Portuguesa no IF-Sul, campus Pelotas. As narrativas foram escritas a partir de questões propostas pela professora a partir de textos provocativos que tinham por temática a sexualidade. Crônicas, canções, filmes e charges compuseram o conjunto de materialidades discursivas que auxiliaram na coleta do corpus.

Em seguida, procurou-se identificar os textos que apresentaram maior aceitação pelos alunos e realizamos recortes de algumas sequências discursivas, observando se há ou não uma relação de identificação do aluno com tais textos. A partir dos recortes realizados, foram selecionadas diferentes materialidades discursivas para a análise.

Chegada à etapa de análise, buscou-se observar, nos recortes realizados, as noções mobilizadas nesta pesquisa – as noções de Sujeito, de Discurso, de Leitura e de Interpretação, sem perder de vista as questões norteadoras acima citadas. Cabe destacar que as observações e reflexões ainda não são conclusivas, tendo em vista, neste momento, o andamento das observações e análises do corpus.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nas sequências discursivas analisadas até o momento, foi possível perceber grande heterogeneidade discursiva no que tange aos gestos de leitura das meninas em relação ao papel da mulher na sociedade, materializadas em suas narrativas escritas; diferentemente dos gestos de leitura realizados pelos meninos, mostrando predominantemente homogêneos quanto à visão sobre o papel da mulher na sociedade.

Em vista disso, o envolvimento do professor no trabalho teórico/prático relativamente às questões de leitura, de interpretação e de produção textual é fundamental. O papel do analista que, num primeiro momento, se aproxima muito dos sujeitos de sua pesquisa e de seus discursos – seja no movimento de leitura, seja no movimento de produção textual, que é a própria materialização discursiva – precisa, ao trilhar o percurso analítico, promover um distanciamento de seu objeto de pesquisa.

Considerando que a Teoria da Análise do Discurso pecheuxiana trabalha, simultaneamente, a teoria e a prática, e considerando que esta pesquisa se encaminha para a fase final da sua análise, os resultados são preliminares. No entanto, é importante fazer algumas observações reflexivas.

Cabe destacar que, no início deste trabalho de pesquisa, havia uma expectativa quanto à participação dos alunos nas atividades propostas, com vistas ao desenvolvimento de sua criticidade a ponto de contribuir com o crescimento crítico, emocional e reflexivo desses meninos e meninas. Esta participação ocorreu,

mas não foi linear e nem constante. Pensa-se que as condições desfavoráveis, as prováveis memórias e traumas de violência física e/ou simbólica sofridas por eles implicaram, muitas vezes, na não-participação nas atividades, que se constituiu, a priori, como um indício de resistência.

Quanto ao processo de identificação desses meninos e meninas, pode se dizer que a relação estabelecida com as concepções de gênero feminino e de gênero masculino revelaram-se bastante díspares, especialmente nos gestos de leitura das meninas em relação aos gestos dos meninos. Ainda assim, pode se pensar, preliminarmente, na reprodução de concepções quanto aos papéis sociais de homens e mulheres na contemporaneidade, seja no seio de um núcleo familiar tradicionalmente organizado, seja numa ideia de independência feminina.

4. CONCLUSÃO

Os resultados sobre a pesquisa em andamento e as conclusões apresentadas são de cunho preliminar, tendo em vista que a mesma se encontra na fase da análise do corpus.

Considerando que esta pesquisa filia-se a teoria da Análise do Discurso de linha francesa e que foram mobilizadas as noções centrais de Sujeito, Leitura e Interpretação, a partir dessas, buscou-se analisar os gestos de leitura produzidos pelos alunos moradores das Casas Lares, participantes do projeto social “A língua portuguesa como espaço social para a manifestação de ideias”, desenvolvido no Instituto Federal Sul-Riograndense, no período de setembro a dezembro de 2011.

Neste momento, pode-se dizer que o trabalho à luz dessa perspectiva teórica tem possibilitado ao professor perceber a alteração da posição leitor/professor para a posição de analista, viabilizando analisar o processo de produção de sentidos em suas condições. Em outras palavras, faz-se necessário e é de extrema importância perceber todos os elementos extralinguísticos, para entender o funcionamento do(s) discurso(s) produzidos por esses alunos. Em especial, o contexto sócio-histórico-cultural de vida desses meninos e meninas.

Além da permanente mediação teórica, conforme Orlandi (2010, p. 62), não há análise de discurso sem a mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a interminência entre descrição e interpretação que constituem, ambas, o processo de compreensão do analista.

5. REFERÊNCIAS

- ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.
- _____. A prática discursiva da leitura. In: ORLANDI, Eni (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- _____. Eni. *A linguagem e seu funcionamento - as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel (1969). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. São Paulo, Campinas: Editora da Unicamp, 1988.